



Universidade Federal  
de São João del-Rei

JULIANA RANGEL ALVES DE SOUZA

**POSSÍVEIS AMPLIFICAÇÕES DA AUTOLESÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA  
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

São João Del Rei

PPGPSI-UFSJ

2023

JULIANA RANGEL ALVES DE SOUZA

**POSSÍVEIS AMPLIFICAÇÕES DA AUTOLESÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA  
DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da Federal de  
São João del-Rei, como requisito parcial para  
a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: 1

Orientador: Prof. Dr. Walter Melo

São João Del Rei

PPGPSI-UFSJ

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)  
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S94p Souza , Juliana Rangel Alves de.  
POSSÍVEIS AMPLIFICAÇÕES DA AUTOLESÃO A PARTIR DA  
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA / Juliana Rangel  
Alves de Souza ; orientador Walter Melo Junior. --  
São João del-Rei, 2023.  
64 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Psicologia) -- Universidade Federal de São João del  
Rei, 2023.

1. psicologia analítica. 2. Carl Gustav Jung. 3.  
autolesão não suicida. 4. mortificação. 5.  
automutilação. I. Melo Junior, Walter , orient. II.  
Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 35 / 2023 - PPGPSI (13.24)**

**Nº do Protocolo: 23122.015186/2023-15**

**São João del-Rei-MG, 25 de abril de 2023.**

A Dissertação "**Possíveis Amplificações da Autolesão a partir da Perspectiva da Psicologia Analítica**"

elaborada por **Juliana Rangel Alves de Souza**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

**MESTRA EM PSICOLOGIA**

**São João del-Rei, 08 de março de 2023.**

**BANCA EXAMINADORA:**

Profa. Dra. Adriana dos Santos Teixeira Barcellos (Unicamp)  
Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

*(Assinado digitalmente em 25/04/2023 16:45 )*

WALTER MELO JUNIOR  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DPSIC (12.25)  
Matrícula: 2510037

*(Assinado digitalmente em 26/04/2023 11:10 )*

MONICA GIRALDO HORTEGAS  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 012.994.037-37

Para verificar a autenticidade deste documento entre em  
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **35**, ano:  
**2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **25/04/2023** e o código de  
verificação: **723b1a6dd1**

Dedico este trabalho a todos que lutam por viver, aos que aprendem a morrer e que em ambos os casos ainda apostam na vida.

## AGRADECIMENTOS

Cursar um mestrado durante a pandemia foi um desafio que eu jamais poderia imaginar. Suportar trabalhar na clínica online, ter aulas, supervisões, ler, pesquisar e produzir os textos pelo mesmo meio: o terrível e necessário computador. O isolamento social, as incertezas da pandemia, o desgoverno (feliz agora em dizer: passado), as infindáveis mortes que traziam muitas vezes a sensação de perda de sentido em todas as empreitadas. Guardo a certeza de que viver e pesquisar só foi possível pelo suporte, compreensão e incentivo de meus pais, irmã e esposo, Olívia, Cesar, Mariana e Andrew. Em momentos de dificuldades e doenças, William, Vanessa, Priscila, Diego e Débora (minha analista) me acenderam luzes quando eu mesma já estava apagada. Se a *mortificatio* se fez presente nos dois anos da pesquisa, seu contraponto perfeito: a *coniunctio* também esteve presente em todos os momentos, como liga flexível e sustentadora de todas as experiências. Começo o mestrado no auge da pandemia e termino-o em plena retomada democrática brasileira, a mortificação coletiva deu lugar a novo símbolo. Agradeço ao professor Walter que através de suas correções me ensinou a ler a partir de uma nova camada de compreensão e a todos os membros do grupo Caminhos Junguianos o meu mais sincero agradecimento por toda a colaboração. Vocês foram inspiração e exemplo de que a pesquisa ainda tem alma; vamos continuar lutando e caminhando ao lado para que assim seja e permaneça.

Quando o amor o chamar, siga-o, ainda que suas maneiras sejam duras e  
íngremes;  
e quando as asas dele o abraçar, renda-se a ele, embora a espada escondida dentro de suas  
penas possam o ferir.

[...]

Por que, além de o coroar, ele também o crucifica.

Para além de seu crescimento, ele existe para a sua podaço.

Mesmo quando ele subir a sua altura para acariciar os seus ramos mais macios que  
estremecem ao sol,

também ele o desceria a suas raízes e agita-las-ão aderidas à terra...

Como polias do milho, recolhê-lo-á para si mesmo

O debulha para fazê-lo despido...

O peneira para libera-lo das suas cascas...

O moe até que fique branco e puro...

E o amassa até que seja moldável...

Pois, ele o cozinha em seu forno sagrado para você tornar-se pão sagrado...

Para a Sagrada Festa de Deus!

Tudo isso o amor vai fazer para você,

só para você saber todos os segredos do seu coração...

E para que neste conhecimento, você chegue a ser um fragmento do coração da Vida...

[...]

(GIBRAN, 2011)

## RESUMO

Diversos trabalhos descrevem o comportamento autolesivo e buscam encontrar possíveis causas e saídas para o dito transtorno. Consideramos que a abordagem da psicologia analítica pode favorecer um olhar que contextualize esse ato violento a partir de outras manifestações humanas semelhantes, trazendo-o para o *continuum* histórico de produção de sentido. Partindo da amplificação e depois de uma metodologia com mais etapas, correspondentes a proposta de Jung (“deixar acontecer”, “engravidamento”, confronto e amplificação), pudemos processar as imagens de autolesão como objeto de “engravidamento” da pesquisadora/clínica em sua prática, promovendo assim uma possibilidade de síntese compreensiva da autolesão. Este processamento foi realizado a partir da elaboração de dois artigos que funcionam como corpo da dissertação. No primeiro, foi realizada uma amplificação da imagem da autolesão não suicida em paralelo com o rito de passagem. No segundo, foram realizados paralelos com o conceito de energia psíquica proposto por Jung e do processo alquímico da *mortificatio*, cotejando os conteúdos expostos com falas de participantes de pesquisas empíricas acerca do tema. Com ambos os artigos concluímos que o rito de passagem, bem como outras expressões simbólicas da morte expressam a necessidade de destruição e renascimento psíquicos que podem ser literalizados em casos de dificuldade de simbolização e progressão da libido. Dessa maneira, esse processo é acirrado de maneira pendular entre complexos de paraíso idílico perdido e heroísmo disruptivo, e inflação egóica positiva e negativa, até que a energia psíquica regrida reanimando conteúdos que podemos chamar de *mortificatio*, tentativa de cura por vias de atuação direta, precisando ser integrada.

Palavras-chave: psicologia analítica; Carl Gustav Jung; autolesão não suicida; mortificação; automutilação.



## ABSTRACT

Several studies describe self-injurious behavior and seek to find possible causes and solutions for this disorder. We consider that analytical psychology approach can benefit a point of view that contextualizes such violent acts out of other similar human manifestations, bringing it to the historical *continuum* of meaning production. Starting from the amplification and later from a methodology with more steps, corresponding to Jung's proposal ("letting go", "pregnancy", confrontation and amplification), we were able to process the self-injury images as a "pregnancy" object of the researcher/clinic in her practice, thus promoting a possibility of comprehensive synthesis of self-injury. This process was carried out from the elaboration of two articles that work as the dissertation body. In the first one, an image amplification of the non-suicidal self-injury was performed in parallel with the rite of passage. In the second one, parallels were made with the concept of psychic energy proposed by Jung and with the alchemical process of *mortificatio*, comparing the exposed contents with speeches of participants from empirical researches on the subject. With both articles we conclude that the rite of passage, as well as other symbolic expressions of death, express the need for psychic destruction and rebirth which can be literalized in cases of symbolization difficulty and libido progression. Thus, this process is roused in a swinging way between lost idyllic paradise complexes and disruptive heroism, between positive and negative ego inflation, until the psychic energy regresses reanimating contents that we can call *mortificatio*, as an attempt to cure by a direct action rout that needs to be integrated.

Keywords: analytical psychology; Carl Gustav Jung; non-suicidal self-injury; mortification; self-mutilation.

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 AUTOLESÃO NÃO SUICIDA E RITO DE PASSAGEM.....</b>	<b>8</b>
<b>3 UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE A AUTOLESÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS.....</b>	<b>11</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>15</b>

## 1 APRESENTAÇÃO – Um caminho dentro dos Caminhos

*“Ars totum requirit hominem”* (a arte requer o homem inteiro)

Esta dissertação estruturou-se em torno da produção de dois artigos que objetivaram circundar o tema da autolesão com paralelos advindos da psicologia analítica, caracterizando-se como uma pesquisa teórica. Desta maneira, a introdução geral que aqui se inicia, tem por objetivo esclarecer o percurso-confissão da pesquisa, entendendo que introduções mais focais ao tema já se darão nos artigos subsequentes. Podemos dizer que esta pesquisa possui caráter circular, no sentido de que não há uma linearidade causal, mas uma circumambulação<sup>1</sup> entorno do tema da autolesão. Em outras palavras, os artigos funcionam como amplificações (satélites) entorno do eixo central (planeta) da autolesão. Dessa maneira, importando pouco a ordem em que a dissertação como um todo é lida. A produção desta pesquisa se justifica na ausência de propostas consistentes de compreensão psicodinâmica deste fenômeno dentro da abordagem junguiana.

Na prática clínica, pude atender alguns jovens que, em grande sofrimento psíquico, cortavam suas próprias peles. O manejo dos casos costumava ser difícil, especialmente no que tange aos motivos e finalidades da perpetração, que à primeira vista pareciam indecifráveis. Não que o sofrimento não fosse identificado, mas a conexão entre ele e aspectos da própria vida parecia um tanto enigmática, como se a experiência da angústia e a expressão no ato lesivo viessem diretamente de alguma camada mais profunda do inconsciente, com pouca ou nenhuma mediação da consciência. Diante desta dificuldade, me perguntava qual o caminho era percorrido entre a angústia e o ato lesivo. Existindo tantas outras possibilidades de sintoma ou mesmo de expressão da dor, por que ou para que a lesão da pele?

Recebendo um número cada vez maior de clientes com comportamento autolesivo e ideação suicida, estava sempre em busca de conteúdos que pudessem ajudar na reflexão dos casos, que me sensibilizavam pela gravidade e me geravam estranheza pela grande procura do mesmo tipo de queixa à clínica. Daquele momento até hoje, pude encontrar apenas dois

---

<sup>1</sup> “O ‘aproximar-se circundando’, ou ‘circumambulatio’, exprime-se, em nosso texto, através da ideia de ‘circulação’. Esta última não significa apenas o movimento em círculo, mas a delimitação de uma área sagrada por um lado e, por outro, a ideia de fixação e concentração” (JUNG, 1967/2013, p. 32).

trabalhos (FABBRINI, 2021; TSAI, 2008) acerca da autolesão dentro da perspectiva junguiana, busca feita tanto em plataformas nacionais quanto internacionais.

Tsai (2008) elabora paralelos variados acerca da autolesão, nos quais o sacrifício, o ritual, os ritos de iniciação, de expiação e de redenção ganham destaque em suas associações. Assim, são destacados os aspectos arquetípico e sagrado da autolesão, mesmo que envoltos de compulsão e sofrimento mental. O autor também relata o ato do corte como tentativa de sentir-se vivo a partir da imagem do sangue que escorre das veias e da dor sentida; resgata o sentido do sofrimento no processo de desenvolvimento psíquico; cita a *separatio* e a *mortificatio* alquímicas e a *imitatio Christi*, além de comentar sobre os autoflagelos cristãos. A despeito da riquíssima lista de associações, o autor não as desenvolve e nem explora suficientemente as possíveis relações com a clínica, mas abre-nos possibilidades de trabalho.

Fabbrini (2021), por sua vez, debruça-se sobre as falas de autolesionadores num grupo de facebook. Ele seleciona e organiza as falas entorno dos temas do sofrimento (solidão, depressão e trauma), do suicídio, da religião e da ajuda oferecida entre os membros. O autor discorre sobre a autolesão enquanto símbolo que expressa da melhor maneira possível os conflitos e dores interiores; como fenômeno psicossomático; a ferida como joia que representa a possibilidade de transformação; o sintoma como desejo de cura e o sofrimento como necessário ao amadurecimento; os cortes retilíneos como tentativa de impor ordem e contenção ao caos psíquico; o sangue que brota como uma tentativa de conectar-se com a vida e poder renascer. Não há, no entanto, o aprofundamento dessas associações.

Pela dificuldade enfrentada no manejo clínico e pela ausência de trabalhos que oferecessem suporte suficiente para reflexão dentro da abordagem escolhida, resolvi eu mesma fazer a pesquisa de que precisava. Iniciei o mestrado.

Romanyshyn (2020) faz uma inversão da perspectiva clássica de sujeito-objeto de pesquisa, torcendo-a para: sujeito pesquisa-objeto pesquisador. Nessa proposta, sustentada pela ideia de Jung (1916/2013) da autonomia dos complexos, a pesquisa tem alma<sup>2</sup> e é ela quem trabalha o pesquisador, que precisa enlutar seus desejos egóicos acerca do trabalho, a fim de pesquisar considerando a alma e sua autonomia. Nisso consistiria a abordagem

---

<sup>2</sup> Autonomia de um conteúdo do inconsciente coletivo.

imaginal<sup>3</sup> de pesquisa. Aqui, o pesquisador é chamado para o trabalho designado pela alma e, portanto, está a serviço de algo alheio a si. Posso dizer que toda esta pesquisa está impregnada dessa impressão e se tentei resistir a ela falhei miseravelmente, tendo a pesquisa fluído apenas quando pude aceitar suas próprias determinações. Dito isso, este trabalho decepcionará as expectativas mais comuns da academia ou talvez acene para a “alma” do leitor, chamando-a para conversar.

Se para Jung (1921/2013) a fantasia é criadora da realidade, nosso objeto de pesquisa é assumidamente a experiência que o pesquisador tem dele, delimitando assim uma epistemologia *esse in anima* que, ao invés de gerar uma explicação final, cria uma compreensão possível deste mesmo objeto (VECHI, 2018). Em nosso caso, é a experiência clínica com a autolesão o nosso objeto de pesquisa, que por sua vez é organizado e contornado a partir de amplificações e conceitos fornecidos pela abordagem junguiana. Tentamos, assim, manter uma coerência entre objeto e metodologia de pesquisa. Sem recorrer a formas e justificativas exteriores à abordagem, radicalizamos nossos pressupostos na própria fundamentação da psicologia analítica.

Para permitir que o inconsciente participasse do processo (ou para assumir sua participação) foram considerados devaneios, sonhos e outras imagens que dialogaram com as compreensões aqui elaboradas, ou foram simultâneas a elas. Esclarecendo assim a cota de participação da equação pessoal<sup>4</sup> na escolha dos objetos para a amplificação (rito de passagem, *mortificatio* etc.). Para que pudéssemos trabalhar na fase das elaborações teóricas advindas do exercício da amplificação em si.

Em suma, as imagens e intuições que se apresentaram à pesquisadora forneceram os objetos de comparação da amplificação enquanto metodologia de pesquisa. Método este que, recomendado por Jung (1935/2013), consiste em estabelecer paralelos míticos, históricos ou

---

<sup>3</sup> “The term imaginal was coined by Henri Corbin to differentiate a region of reality that is intermediate between sense and intellect and that mediates between them” (ROMANYSHYN, 2020, p. 81). “O termo imaginal foi cunhado por Henri Corbin para diferenciar uma região da realidade que é intermediária entre o sentido e o intelecto e que faz a mediação entre eles” (tradução nossa).

<sup>4</sup> “O ideal e objetivo da ciência não consistem em dar uma descrição, a mais exata possível, dos fatos – a ciência não pode competir com a câmara fotográfica ou com o gravador de som –, mas em estabelecer a lei que nada mais é do que a expressão abreviada de processos múltiplos que, no entanto, mantêm certa unidade. Este objetivo se sobrepõe, por intermédio da concepção, ao puramente empírico, mas será sempre, apesar de sua validade geral e comprovada, um produto da constelação psicológica subjetiva do pesquisador. Na elaboração de teorias e conceitos científicos há muita coisa de sorte pessoal. Há também uma equação pessoal psicológica e não apenas psicofísica. Enxergamos cores, mas não o comprimento das ondas. Esta realidade bem conhecida deve ser levada em conta na psicologia, mais do que em qualquer outro campo. O efeito dessa equação pessoal já começa na observação. Vemos aquilo que melhor podemos ver a partir de nós mesmos” (JUNG, 1921/2013, p. 23-24).

culturais similares, entorno do conteúdo obscuro e, a partir deste diálogo, esclarecê-lo. Assim como o filólogo que, para traduzir uma língua perdida, precisa compará-la com alguma língua ainda acessível ou minimamente conhecida.

Na época dos primeiros passos da pesquisa, estava às voltas com um sonho e uma imagem sequencial que se repetia espontaneamente em minhas fantasias. O sonho girava entorno da figura da Mulher Maravilha, a princípio como criança sequestrada pelo serviço de inteligência estadunidense e usada para fins de guerra; ela acreditava na farsa de que os agentes da CIA eram sua família. A segunda parte do sonho mostrava a heroína da adolescência até a fase adulta se dando conta de sua captura e uso para fins violentos, os quais não concordava. A cada vez que ela tentava agir segundo sua própria maneira ou sair desse sistema, a CIA a matava e ela renascia com outra forma menos poderosa (menos inflada), ganhando em consciência e perdendo em poder, até que, de tanto morrer e renascer como outras mulheres e até um objeto, ela renasce como homem e consegue finalmente fugir. Em seguida, o sonho corta para uma sequência de imagens em xilogravura preto e branco: (1) O homem comum, antiga mulher maravilha transformada, em uma carruagem, ele está fugindo da CIA com sucesso; (2) agora ele, ainda na carruagem, tem três cabeças, uma de homem comum, a outra de rei e a terceira de leão; e eu penso que é por isso que ele conseguiu fugir, ele é três em um; (3) agora a imagem mostra uma possibilidade, se a própria mulher maravilha tivesse fugido, ela está na carruagem e, ao lado dela, há um homem e um filho; (4) agora a mulher está sozinha na carruagem e parece faltar algo, fica um vazio; e eu penso que ela não pôde fugir na forma de mulher porque ainda é uma em três, por isso precisa integrar suas partes e não projetá-las para sair das garras da CIA; ela precisa ser três em um e não mais uma em três.

Já o segundo caso, o da imagem da fantasia espontânea, se formava como uma lua no céu que abria como um ovo, dela saía uma semente que caía na terra, fazendo um buraco e dando lugar a uma planta. No céu aparecia uma estrela prateada e dela saía uma espada que caía no solo e matava a planta em seus primeiros sinais de vida. Da semente partida ao meio e da planta morta surgia uma nova e mais vigorosa planta a partir de raízes mais profundas e robustas. Revendo estas imagens hoje parece-me que anteciparam todo o processo da pesquisa, no sentido de que adiantaram o tema da morte-renascimento como tentativas de transformação e crescimento. Caso essas tentativas falhem, nova morte é necessária. Em outras palavras, os crescimentos malfadados precisam ser abortados e reintegrados.

O primeiro paralelo realizado entorno da autolesão foi o do rito de passagem, especialmente no que tange à abordagem proposta por Zoja (1992). Neste primeiro artigo sugerimos a autolesão não suicida (ALNS) como um rito que não chega à passagem e torna-se compulsão, como uma experiência arquetípica que retorna sombria e inconsciente, já que não encontra espaço na vida individual e coletiva.

Aprofundado as buscas entorno dos paralelos possíveis à autolesão encontro a mortificação física católica e, de outro lado, a “maldição” familiar e a jornada do herói como temas associados. Comparando a autolesão não suicida com o ritual de passagem e mortificação física cristã — a despeito de serem imagens com características marcadamente diversas — parece-nos que, muitas vezes, elas objetivam: (1) uma saída da infância metaforizada pelo ritual de passagem à vida adulta; (2) uma purificação como a retirada de sensações e sentimentos ruins na ALNS, a purgação do pecado no catolicismo ou a limpeza ritualística em culturas originárias; e (3) uma tentativa de mudança do comportamento ou da vida. Tudo isso parecia indicar um núcleo em comum, o que gerou a hipótese de estes fenômenos poderem apontar para uma base arquetípica.

Mas como tratar de um arquétipo, que é forma sem conteúdo? (JUNG, 1936/2014). Lembramos do uso da alquimia por Jung que, de certa forma, objetivava aumentar o volume de associações possíveis com as imagens incógnitas do inconsciente e encontrar paralelos próximos às movimentações da energia psíquica, o que nos seria desejável também. Agora, já buscando paralelos no âmbito da alquimia a operação da *mortificatio* nos apareceu. Esta operação significa literalmente matar a matéria prima para que ela renasça renovada, o que nos pareceu ser uma boa representante da imagem arquetípica que tangenciamos. Em termos psíquicos, poderíamos traduzir a *mortificatio* como o morrer simbólico que faz renovar o psiquismo (EDINGER, 2006).

Depois desse achado tive um sonho em que via uma grande esfera e dentro dela havia milhões de imagens de mortificação, como se fossem vídeos da manifestação desse tema em diversas épocas e culturas humanas. Num dado momento, essa imagem fazia um movimento do zoom numa determinada área da esfera onde estavam uma imagem de uma adolescente negra com adereços que pareciam ser de alguma comunidade originária, ela se cortava. Ao lado, imagens de católicos se chicoteando e adolescentes contemporâneos se cortando também. Eu me sentia absolutamente pequena diante daquilo tudo que era gigantesco. Acordei com a sensação de que terminar esta pesquisa seria impossível, ao mesmo tempo

em que ela precisava ser feita de alguma forma. Senti o sonho como uma exigência, um chamado que eu não poderia recusar, ao passo que não me via com ferramentas consistentes para lidar com a tarefa.

Com a sensação de que estava me relacionando com uma imagem significativa e exigente (porque autônoma como todo complexo) pesquisei nas obras “completas” de Jung as aparições do termo *mortificatio* e escrevi ou tentei escrever um texto desse levantamento bibliográfico, que de tantas imagens e pontas soltas ficou excessivamente complexo e incompleto. Um texto que morreu abortado, deixando um vazio estagnador na pesquisa. O planeta virou um buraco negro. As metodologias clássicas ou mesmo a amplificação pura não pareciam suficientes para sustentar o que precisava ser feito agora: uma pesquisa que contemplasse a origem clínica do trabalho, mas que não fosse um estudo de caso por questões éticas, e que pudesse articular meus *insights* enquanto clínica e pesquisadora e a base teórica da psicologia analítica.

Foi quando sonhei que saía de uma universidade e subia as rampas de uma passarela para atravessá-la, mas quando colocava o primeiro pé na parte suspensa da ponte, ela desaparecia e só ficavam os carros passando embaixo, na avenida. Eu sentia muito medo e até vertigem, não havia como passar. É quando um menino, que aparentava ter 5 anos de idade, aparece do meu lado e diz: “calma tia, vai ficar tudo bem, eu vou te ajudar a passar, me dá sua mão” e quando eu tocava a mão da criança a ponte reaparecia completamente. Ele ia na minha frente sem soltar minha mão, atravessando comigo, me levando, e outras crianças apareciam atrás de mim. Eu dava minha mão para uma delas e nos conectávamos todos como uma corrente humana atravessando a passarela até o outro lado. Com esse sonho tive a impressão de que a solução metodológica do trabalho apareceria em algum momento.

Vechi (2018) discorre sobre a metodologia hermenêutica utilizada por Jung em suas investigações, propondo-a a novos pesquisadores. Ao contrário de Romanyshyn (2020) que trabalha a pesquisa a partir de uma perspectiva de luto órfico, Vechi organiza a pesquisa de Jung a partir de uma imagem de engravidamento. A partir dessa perspectiva, morte, luto e nascimento se encontraram simbolicamente neste trabalho e, de alguma forma, integrados. Assim, o trabalho pôde fluir novamente, como se o símbolo-ponte produzido na realidade tivesse liberado o fluxo da pesquisa. De fato, dentro da perspectiva das imagens aqui trabalhadas, nascimento e morte são aspectos do mesmo fenômeno, um não existe sem o outro. A teleologia da morte é a vida e a teleologia da vida é a morte, em outras palavras, a



vida se encaminha para a morte e a morte simbólica promove a vida, ambas são face de um mesmo *complexio oppositorum*<sup>5</sup>. A metodologia da pesquisa refletiu esse aspecto, pois abordamos a *mortificatio* da autolesão a partir do “engravidamento” e do “nascimento”, que serão explicados no segundo artigo.

Dessa maneira, metodologia e objeto de pesquisa se casaram no segundo artigo aqui apresentado. Pôde-se receber, engravidar e confrontar-se com os resultados da relação psicoterapeuta e clientes, analisando os efeitos-imagem dessa dialética e impressões organizadas pela amplificação teórica a partir do conceito de energia psíquica e seus movimentos e a própria *mortificatio* enquanto processo alquímico. A partir desse processo hermenêutico, formulamos uma possibilidade de compreensão do fenômeno da autolesão, seguindo o critério sintético-construtivo da abordagem junguiana, que aponta um devir dentro do símbolo do cortar-se. Sugerimos também um modo de compreensão diferente acerca de uma especificidade da movimentação da energia psíquica nos casos de autolesão, o que chamamos de pendulação, significando o movimento repetitivo pendular entre duas imagens de um par de opostos, onde em cada momento há uma inversão de qual imagem está constelada na consciência enquanto a outra acha-se momentaneamente inconsciente, chegando afinal a um estado de exaustão psíquica.

Em suma, buscamos fazer uma pesquisa teórico-prática considerando as imagens que lhe foram simultâneas. Na prática, as imagens do inconsciente favoreceram a escolha dos temas das ampliações, enquanto o exercício da amplificação em si representou o trabalho mais “braçal” da pesquisa. Em ambos os artigos da pesquisa, o leitor encontrará ampliações sobre a autolesão. No primeiro, estando paralela ao rito de passagem e, na segunda, aos movimentos da energia psíquica e a *mortificatio* alquímica. Na conclusão geral elencaremos possíveis contribuições da pesquisa ao campo.

---

<sup>5</sup> “Como se deduz da simbologia, os pares em questão constituem uma só e mesma coisa, ou seja, uma *complexio oppositorum* ou um ‘símbolo de unificação’” (JUNG, 1951/2013, p. 192).

## 2 AUTOLESÃO NÃO SUICIDA E RITO DE PASSAGEM

### Resumo:

O presente artigo propõe uma breve reflexão acerca das relações entre a prática da autolesão não suicida e os ritos de passagem. Atualmente, a autolesão tem sido tema de preocupação e debate considerando o número de casos que chegam à clínica com esta queixa. Os atos compulsivos são facilmente descritos em sintomatologias psicopatológicas. No entanto, é interessante propormos uma chave interpretativa que contribua para a formação de uma imagem mais complexa do problema. Com isso, não pretendemos reduzir o tema a uma interpretação, mas ampliar as possibilidades de compreensão. A autolesão não suicida atua um rito que não chega à passagem e torna-se compulsão, como uma experiência arquetípica que retorna sombria e inconsciente.

Palavras-chave: autolesão não suicida, automutilação, rito de passagem, rito de iniciação, psicologia analítica.

### Nonsuicidal Self-Injury and Rite of Passage

#### Abstract:

This article proposes a brief reflection about the relationship between the non-suicidal self-injury practice and the rites of passage. Currently, self-injury has been a subject of concern and debate considering the number of cases that come to the clinic with this complaint. Compulsive acts are easily described in psychopathological symptoms. However, it is interesting that we propose an interpretative key that contributes to the formation of a more complex picture of the problem. With this, we do not intend to reduce the theme to an interpretation, but to expand the comprehension possibilities. The non-suicidal self-injury acts in a rite that does not reach the passage and becomes a compulsion, as an archetypal experience that returns dark and unconscious.

Keywords: Non-suicidal self-injury, self-mutilation, rite of passage, initiation rite, analytical psychology.

### Autolesión no Suicida y los Ritos de Paso

Resumen: El presente artículo propone una breve reflexión acerca de las relaciones entre la práctica de la autolesión no suicida y los ritos de paso. Actualmente, la autolesión ha sido tema de preocupación y debates considerando el número de casos que llegan a la clínica con esta queja. Los actos compulsivos son fácilmente descritos en sintomatologías psicopatológicas. Sin embargo, es interesante proponer una clave interpretativa que contribuye para la formación de una imagen más compleja del problema. Así, no se pretende reducir el tema a una interpretación, sino ampliar las posibilidades de comprensión. La autolesión no suicida actúa como un rito que no llega al paso y se convierte en compulsión, como una experiencia arquetípica que regresa sombría e inconsciente.

Palabras Clave: Autolesión no suicida, automutilación, rito de paso, rito de iniciación, psicología analítica.

### 3 UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE A AUTOLESÃO<sup>6</sup>

An Analytical Psychology View of Self-injury

Una Mirada desde la Psicología Analítica a la Autolesión

Resumo: O ato de lesionar a pele encontra-se presente em diversas manifestações culturais. A despeito disso, uma das roupagens da autolesão é acompanhada de sofrimento psíquico e foi apartada das manifestações classificadas como culturais, tendo sido hoje posta na categoria de transtorno mental. A abordagem da psicologia analítica, aliada à experiência clínica, com pessoas que lesionam suas peles, ofereceram meios e imagens para reestabelecer essa ponte, tendo como objetivo lançar nova luz sobre o problema a partir de um ponto de vista psicodinâmico. Para isso, a fundamentação teórico-metodológica está pautada na amplificação, concebida por Carl Gustav Jung como processo hermenêutico. Para compreendermos o fenômeno da autolesão, destacamos uma dinâmica específica da energia psíquica, incluindo regressão, represamento, pendulação (modo de compreensão por nós proposto) e imagens do complexo de paraíso perdido, bem como do herói disruptivo, inflação negativa e positiva. Por fim, a imagem da *mortificatio* alquímica nos serviu de paralelo para a compreensão da autolesão a partir de sua teleologia própria.

*Palavras-chave:* psicologia analítica, autolesão não suicida, violência autoinfligida, mortificação.

Abstract: The act of injuring the skin is common in several cultural manifestations. Despite that, one of the segments of self-injury is accompanied by psychological suffering and has been separated from the manifestations classified as cultural, having been placed nowadays in the mental disorder category. The approach of analytical psychology, associated with clinical experience with people who injure their skin, offered means and images to reestablish this bridge, aiming to shed a new light on the problem from a psychodynamic point of view. To that end, the theoretical and methodological foundations are based on amplification, which was conceived by Carl Gustav Jung as a hermeneutic process. To understand the self-injury phenomenon, we highlighted specific dynamics of psychic energy, including regression, impoundment, pendulation (mode of understanding proposed by us) and images of the lost paradise complex, as well as the disruptive hero, negative and positive inflation. At last, the alchemical *mortificatio* image served as a parallel to the self-injury understanding from its own teleology

*Keywords:* analytical psychology, nonsuicidal self-injury, self-inflicted violence, mortification.

Resumen: La acción de lesionar la piel está presente en diversas manifestaciones culturales. A pesar de eso, uno de los ropajes de la autolesión viene acompañado de sufrimiento psíquico y ha sido apartado de las manifestaciones clasificadas como culturales, siendo hoy puesta en la categoría de trastorno mental. El abordaje de la psicología analítica, aliado a la experiencia clínica con personas que lesionan sus pieles, ofreció medios e imágenes para restablecer este

---

<sup>6</sup> Artigo original submetido a revista Estudos e Pesquisas em Psicologia (Qualis A2), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A formatação do artigo segue as normas da APA 7ª edição, conforme as exigências da revista.

puente, teniendo por objetivo lanzar nueva luz sobre el problema a partir de un punto de vista psicodinámico. Para ello, la fundamentación teórico-metodológica está basada en la amplificación, concebida por Carl Gustav Jung como proceso hermenéutico. Para que comprendamos el fenómeno de la autolesión, destacamos una dinámica específica de la energía psíquica, incluyendo regresión, represamiento, pendulación (modo de comprensión propuesto por nosotros) e imágenes del complejo del paraíso perdido, así como del héroe disruptivo, inflación negativa y positiva. Por último, la imagen de la *mortificatio* alquímica nos ha servido como paralelo para la comprensión de la autolesión a partir de su teleología propia.

Palabras-clave: psicología analítica, autolesión no suicida, violencia autoinflingida, mortificación.

#### 4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS

Buscamos circum-ambular o tema da autolesão, enquanto sofrimento psíquico, com imagens presentes na cultura, objetivando, assim, um contorno do fenômeno que priorizasse sua relação com o fundo cultural e, portanto, com manifestações do inconsciente coletivo. Contornar significa, neste caso, dialogar com o tema central (autolesão) a partir de conteúdos paralelos que lançam similaridades e divergências, tornando o objeto mais claro, especialmente no que tange a seus aspectos inconscientes compartilhados. O material para os paralelos utilizados foi fornecido pelas imagens dos ritos de passagem, especialmente do conteúdo proposto por Zoja (1992) e por trechos ou textos acerca da *mortificatio* alquímica principalmente encontrados em “Psicologia e alquimia” (JUNG, 1944/2012) e “Anatomia da psique” (EDINGER, 2006).

No início da pesquisa, comparando as ideias de Zoja (1992) acerca da dependência química com o fenômeno da autolesão, pudemos vislumbrar a imagem do ritual tomando espaço de compulsão. O ritual é negado individual e culturalmente na contemporaneidade, e, no caso específico da autolesão, sugerimos estarem conectadas com uma passagem dificultosa para a vida adulta, graças a uma vivência de violência ou negligência que tentava ser “curada” pelo sintoma de tentativa de retorno a uma infância idílica que não acontecera. A autolesão se apresentaria como uma tentativa inconsciente de forjar essa passagem não elaborada e atravancada, ou seja, o ritual voltaria sombrio, como compulsão.

Numa segunda etapa, já elaborando outros paralelos para possíveis amplificações, verificamos uma série de possibilidades como o martírio e a prática de autoflagelo católico (PALAU, 2007), a imagem do herói, já tão estudada pela tradição junguiana (CAMPBELL, 2008; JUNG, 1952/2013; 1936/2014), assim como a questão da tatuagem e das escarificações como modelos identitários em sociedades primevas (GENNEP, 2013), ou mesmo as “curas” do candomblé (BARBOSA et al., 2018). Essa proliferação de manifestações fez-nos intuir que estávamos observando os efeitos marginais (imagens culturais diversas) da produção de um arquétipo relacionado à morte e renascimento.

Nesse interim, de muitas manifestações da simbólica da morte, aparece-nos a *mortificatio* alquímica que oferece ainda mais profundidade e abertura para novas incursões à concepção primeira do tema. O levantamento bibliográfico acerca da *mortificatio* na obra de Jung, comparado ao material encontrado na clínica, fez-nos entender o processo da

autolesão como imagem e resultado de um movimento específico da energia psíquica (mais complexo que a regressão isoladamente descrita no primeiro artigo) qualitativamente e quanti-dinamicamente.

Do ponto de vista qualitativo, animando padrões imagéticos específicos de vivências idílicas e rompimento heroico e com origens familiares e hierarquia. Já a respeito do aspecto quanti-dinâmico da autolesão, destacamos a regressão (que reaviva imagens arcaicas como o rito de passagem), o represamento (que acirra as polaridades opostas aumentando a tensão e inflação sem produção simbólica) e a pendulação (movimento de energia percebido na clínica e trazido para a pesquisa).

A pendulação, por sua vez, não caracteriza a enantiodromia, explorada por Jung (1921/2013), mas se assemelha a ela. A pendulação seria um movimento comparável a uma indecisão entre dois objetos, em que, na impossibilidade de se optar por um só, há uma exaustão repetitiva de movimento entre os dois lados. A pendulação pode anteceder o nascimento do símbolo ou pode simplesmente se repetir de maneira indefinida, aumentando a tensão entre os opostos e intensificando os sintomas. Podemos entendê-la como um movimento intrínseco ao represamento da libido, ou seja, um movimento dentro da aparente imobilidade, ou como um movimento que gera o represamento da energia psíquica. Acreditamos que o conceito de enantiodromia, entendida como reversão de um conteúdo a seu oposto, não daria conta de explicar um movimento repetitivo no tempo, mas, ao contrário, aparentaria um deslocamento pontual de uma direção a outra, de maneira unitária, sem esgotamento ou aumento de tensão por reiteração.

Todo o processamento simbólico (PENNA, 2009) da pesquisa deu-se na direção de uma perspectiva teleológica, proposta pelo próprio Jung, tendo a *mortificatio* confirmado e esclarecido a profundidade dessa dinâmica que, nos escritos alquímicos, possui as mais diversas roupagens, mas sempre aponta para o renascimento necessário, para a matéria prima que precisa tornar-se incorruptível. Finalmente, a pesquisa seguiu um movimento próprio de circum-ambular a autolesão de maneira espiral, de fora para dentro. O ritual de passagem funcionou como uma ponte imagética para a função arquetípica de matar para renascer simbolicamente no contexto psíquico, aqui aproximada pelo nome do processo alquímico da *mortificatio*. Certamente, outros processos e conjunções sociais e/ou subjetivas levam a *mortificatio*. Neste trabalho, apresentamos apenas um caminho até ela, o caminho da

autolesão, que não pretende limitar a psicodinâmica desse fenômeno, mas apenas lançar luz sobre uma maneira específica dessa espiral acontecer.

No percurso do mestrado, durante a elaboração do primeiro artigo, ainda não estava esclarecida a participação do inconsciente (através das imagens, sonhos e intuições) para o processo de construção teórico-metodológico. Confidenciando aqui um traço intuitivo enquanto parte da equação pessoal intrínseca à pesquisa, o processo deu-se como se o inconsciente lançasse uma pedra muito longe, mostrando o ponto que se precisava chegar, a imagem que se precisava perseguir, para que, depois, fosse possível a construção da tarefa mais árdua e braçal de produzir o caminho até lá, metodologicamente e na produção escrita. Assumir essa parte do trabalho, manifesta enquanto conteúdo autônomo, foi essencial para que o trabalho pudesse ser concluído, já que se tornou uma pesquisa de fronteira metodológica, ao mesmo tempo clínico prático e teórico. Para isso buscamos manter a maior fidelidade possível ao método de Jung, reafirmando a imaginação verdadeira (JUNG, 1944/2012) como legítima provedora de conhecimento.

Tendo dito isto, as lacunas do trabalho tornam-se ainda mais claras. Se a pesquisa foi iniciada justamente na lacuna metapsicológica da autolesão no campo junguiano, precisou deixar de lado todas as manifestações mais práticas, descritivas e comportamentais do lesionamento da pele. E, mesmo dentro do campo analítico, dado o recorte da pesquisa e o mestrado que aconteceu durante o período da pandemia da covid 19, não puderam ser realizadas pesquisas de campo mais clássicas que, certamente, se desdobrariam em ainda mais vasto material. Outra lacuna significativa diz respeito ao recorte da amplificação que não passou pelos escritos junguianos acerca do corpo e da pele, que se citados de maneira pontual no primeiro artigo depois não puderam ser retomados, deixando a cargo dos próximos pesquisadores esta tarefa.

A perspectiva da *mortificatio*, enquanto imagem provida de função e direção próprias, pode ser utilizada como luz teórica se lançando a objetos diretos da experiência humana relacionadas a violência e autoviolência, bem como a sugestão da observação do movimento de pendulação da energia psíquica, podem se tornar fonte de novas pesquisas ou mesmo averiguações na prática da clínica. A confissão das imagens, paridas pela pesquisadora, também pode incentivar os colegas a considerarem tal tipo de informação, incluindo-as em sua metodologia, ou pelo menos não as ignorando, para que possam ao menos trabalhar nos bastidores de maneira mais eficaz. Tendo todos nós a tarefa de

desenvolver melhor e mais extensivamente, que esse trabalho, metodologias mais consistentes que considerem a equação pessoal do pesquisador e suas imagens, como a própria abordagem exige como imperativo ético e estético.



## REFERÊNCIAS - Apresentação e considerações gerais

- BARBOSA, Iury Pedro Bento et al. Significados das práticas de cuidado em saúde no ritual de iniciação do candomblé de Ketu. **Semin., Ciênc. Soc. Hum.**, Londrina, v. 39, n. 1, p. 95-112, jun. 2018. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-54432018000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-54432018000100009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 05 mar. 2022.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento. 2008.
- EDINGER, Edward. **Anatomia da psique**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FABBRINI, Felipe Moreira Borges Nascimento. **Automutilação: um estudo sobre a representação da autolesão em uma comunidade virtual de praticantes**. 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/26270/1/Felipe%20Moreira%20Borges%20Nascimento%20Fabbrini.pdf>. Acesso em 10 jul. 2022.
- GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIBRAN, Khalil. **O profeta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. **Aion, o estudo sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, 1951/2013.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 1916/2013.
- JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 1935/2013. v. 1
- JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 1967/2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 1936/2014.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1944/2012.
- JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1952/2013.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1921/2013.
- PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15817/1/Eloisa%20Marques%20Damasco%20Penna.pdf>. Acesso em 20 dez. 2022.
- PALAU, José Roberto Fortes. **A Força salvífica da mortificação: Proposta de uma nova reflexão teológico-pastoral acerca da mortificação cristã**. Orientador: Alfonso Garcia Rubio. 2007. Tese (Doutorado em teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10064/10064_1.PDF). Acesso em 2 fev. 2022.

ROMANYSHYN, Robert D. **The wounded researcher**: Research with soul in mind. Routledge, 2020.

TSAI, Allan. Sacred cuttings: self-mutilation and the soul. **Psychological Perspectives**, v. 43, n. 1, p. 82-91, 2008.

VECHI, L.G. A hermenêutica junguiana em estudo: aplicações possíveis na pesquisa qualitativa em psicologia. **Revista da Psicologia**, Fortaleza, v. 9, n 2, p. 21-30, 2018.

ZOJA, Luigi. **Nascer não basta**. São Paulo: Axis Mundi, 1992.